



Silvio Tavares dos Santos*

Robison Raimundo Silva Pereira**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo, identificar dois pontos interessantes para a alfabetização de jovens e adultos, para uma melhor ascensão no campo político, social, e cultural como forma de poder. Partindo do conceito de letramento, e das concepções de Paulo Freire, podemos ter uma arma inovadora, como processo de distanciamento das tão e exercidas práticas de alfabetização bancária, cujos métodos avaliativos, são estruturas determinantes para políticas empregatícias a qual não contribui para a transformação da realidade deste público. Diante do exposto, o trabalho se justifica como forma de sugestão para um “EJA” (Educação de Jovens e Adultos) mais cristalino onde seus atores não só aprendam a ler, e escrever, mas que realmente entrem no jogo do poder, e dele faça parte. Para tanto a pesquisa é de abordagem qualitativa, e do tipo bibliográfica. Partindo de uma dialética, entre observações empíricas, e teoria científica sobre a constante paixão pelo *reggae* em um bairro da cidade de Floriano – PI. Este estudo partiu de uma visão sobre conhecimento como forma de poder, onde a leitura e a escrita, a partir das suas explorações possam fazer parte do cotidiano dos alfabetizando, podendo ser uma luz para guiá-los nas suas práticas sociais.

Palavras-chave: Alfabetização de Jovens e Adultos. Poder. Reggae¹

ABSTRACT

This article aims to highlight two interesting points to literacy for youth and adults, for better rise in the political, social, and cultural field as a form of power. Based on the concept of literacy, and the conceptions of Paulo Freire, we have an innovative weapon, such as the distance and bank practices exercised literacy, whose evaluation methods process are crucial to employment policy structures which does not contribute to the transformation of reality of this public. Given the above, the work is justified as a way of suggestion for an "EJA" more lens where your actors not only learn to read and write, but they slip on the power play, and it is a part. For this research is a qualitative approach, and bibliographic type. From a dialectic between empirical observation and scientific theory about the constant passion for *reggae* in a neighborhood of the city of Floriano - PI, this study was based on a vision about knowledge as a form of power, where reading and writing from of their holdings may be part of the daily lives of literacy, can be a light to guide them in their social practices.

Keywords: Literacy for youth and adults. Power. Reggae.

*Graduando do curso de Licenciatura em pedagogia – UESPI, Floriano

** Docente da Universidade Estadual do Piauí. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de São Carlos.

¹ No livro Queimando Tudo – “Catch a Fire – A biografia definitiva de Bob Marley” de Timothy White, afirma que segundo os colecionadores de disco jamaicano, a palavra *reggae* foi cunhada num compacto de 1968 da pirâmide com música para dançar intitulado Do the Reggay [sic] de *Toots and the Maytals*. Alguns acreditam que o termo deriva-se de regga, nome de uma tribo de dialeto banto do lago Tanganica. Outros dizem que é uma corruptela de *streggae*, gíria de rua em Kingston para designar prostituta. Bob Marley dizia que o vocábulo era de origem espanhola e significava “A música do Rei”. Alguns veteranos músicos de estúdio da Jamaica apresentam uma explicação mais simples e, provavelmente mais plausível. “É uma descrição do ritmo em si”[...].

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização de jovens e adultos na realidade brasileira, sempre foi criticada por diversos pesquisadores e intelectuais, por acreditarem que ela atua como uma modalidade simplesmente mecanicista, e depositária, cujas aplicações têm como objetivo, o que não é satisfatório, colocar palavras, e textos, que não condizem com a realidade dos educandos. Dentre estes pensadores, Paulo Freire nos alertava para essas desastrosas metodologias e dava-nos ideias de como trabalhar com esse público, pois para ele:

a primeira exigência prática que a concepção crítica da alfabetização se impõe é que as palavras geradoras, com os quais os alfabetizandos começam sua alfabetização como sujeito do processo, sejam buscadas em seu “universo vocabular mínimo”, que envolve sua temática significativa. (FREIRE, 2010, p.21).

Partindo da ideia concepcionista freiriana de alfabetização, que se opõe aos métodos tradicionais de ensino, e não deles tirando os méritos da codificação e decodificação, pensamos em unificar essa concepção, que se feita na prática pode dar aos educandos uma nova visão de leitura e escrita. É o caso do moderno conceito de letramento que tem em suas definições, a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, sendo que não se considera as peculiaridades de cada uma e suas dessemelhanças. Ou como afirma Soares (2009, p.68). ‘uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou alguém pode ler fluentemente, mas escrever muito mal’ Por outro lado, essas definições de letramento que consideram as diferenças entre escrita e leitura tendem a uma concentração, ou na leitura ou na escrita.

Ou ainda, que o letramento tem como habilidade colocar na prática comportamentos necessários que atendam adequadamente todas as possíveis demandas que possam surgir na prática de leitura. Nesse sentido Soares (2009, p. 68-69) assegura que:

A leitura é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de ler textos escritos. [...] é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos. [...]. a escrita na perspectiva da dimensão do letramento, (a escrita como uma “tecnologia”) , também é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, [...] as habilidades de escrita estendem-se da habilidade de registrar unidades de som até a capacidade de transmitir significado de forma adequada a um leitor potencial.

Com isso, ao analisarmos essas alternativas, como uma ideia de alfabetizar letrando as turmas de jovens e adultos, de uma escola do bairro vereda da cidade de Floriano-PI, esse trabalho se justifica pela dialética entre a teoria e prática observada, quanto a forte predominância da cultura *reggae* no bairro, e por ser este um ritmo cultural revolucionário, de letras que denunciam fortemente as opressões do poder dominante, que como sugestão trazem nas suas ideologias a própria realidade daqueles indivíduos, podendo ser utilizadas como textos de desalienação. O que nos faz refletir as ideias de Foucault (1979) ao relacionar poder ao saber confirmava que ao primeiro já teria em meio à sociedade um lugar estabelecido, uma relação de força, intrinsicamente ligado aos sistemas de produção de opressão, sendo que o segundo quem dele participa também assumirá a posição do poder, ou seja, quando o indivíduo passa a adquirir as tecnologias do saber, ele passa também exercer as ferramentas de poder (de questionar, de decidir, participar de manifestações que as relações de forças em suas manobras táticas há de lhe reprimir).

2 CONCEITUANDO LETRAMENTO

O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que engendrem, uns a partir dos outros daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimento estratégico e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo de língua ou dos signos, mas sim da guerra e da batalha. (FOUCAULT, 1979, p. 5)

Fazemos aqui uma analogia ao fato, digo fato porque essa palavra é recente, e veio por uma necessidade, a de que nitidamente Michel Foucault declara nesse pensamento sobre o poder, de não referenciarmos somente ao modelo de linguagem, ou signos, mas do combate as causas sociais. De fato, esse novo fenômeno apareceu, porque as formas estruturais que se encontravam o nosso país em caráter da leitura e escrita eram obsoletas, não supriam as demandas da nossa sociedade. E para isso será preciso correr contra o tempo, e buscarmos alternativas para a construção de um novo paradigma educacional que desvendem os olhos dos nossos alfabetizando. Toda essa novidade a qual referimos são as preocupações com aqueles que sabem ler e escrever, mas não respondem as demandas sociais do mundo da escrita.

Há alguns anos atrás essa mesma preocupação com os sentidos da escrita e da leitura para além de codificação e decodificação preocupava intelectuais, como é o caso de Paulo

Freire, que em seus métodos, ou concepções de alfabetização trazia algo diferente a qual denominava de temas geradores. Era daí que emergiam as palavras usadas para aquisição dos códigos. Preocupação essa também por outros estudiosos da alfabetização, que ao dedicarem suas atenções ao uso da língua falada relatam eles que não estamos preocupados com os sons delas adquiridos, mas com os seus sentidos. (GERALDI, 2011).

Ao passo que enquadrámos os métodos freirianos a comparação do letramento é porque algo entre os dois tem o mesmo cunho linear, cuja algumas diferenças estarão nas próximas linhas desse trabalho. Tentaremos aqui refletir um pouco mais o conceito de letramento. Há que se analisar primeiramente que essa palavra não é nossa, e que segundo Soares (2009), a tradução para o nosso português da referida palavra veio do dicionário da língua inglesa *literacy*, etimologicamente, essa palavra vem do latim *litera* (letra), acompanhada do sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, fato de ser.

Em resumo a palavra inglesa *literacy*, conceitua-se, pois como um estado em que o indivíduo ao aprender a ler e escrever começa através destas atividades absorverem as consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, e linguísticas. Acontecendo assim uma mudança do seu estado de analfabeto, para alfabetizado, adquirindo a tecnologia do ler, e escrever e envolvendo-se nas práticas sociais, o qual altera suas condições psíquicas, culturais, políticas, etc.

É nessa perspectiva que traríamos aos nossos alfabetizando uma visão mais clara do mundo e de suas complexas e astuciosas engrenagens do poder dominante. Em síntese é possível dizer que, o sentido de letramento vem da tradução do inglês *literacy* o mesmo que letrado do latim *littera*, e o seu sufixo *-mento* denotando assim o resultado de uma ação, ato de ensinar ou de aprender ler e escrever no sentido de entender o que está por trás das artimanhas do poder.

3 A PERSPECTIVA CRÍTICO-SOCIAL PARA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SEGUNDO PAULO FREIRE

Ainda que de forma ingênua, ou porque não queremos distanciar dos modos operantes do tradicionalismo, é bem nítido que destacamos o conceito de alfabetização as formas reducionistas e simplificadora, como um simples ato de ensinar/ ação de ensinar a ler e escrever, sem nos preocupar em dar um verdadeiro sentido a essas ações.

Não podemos deixar de lado a questão a qual nos referimos anteriormente quando falamos do lineamento entre o letramento, e a concepção de alfabetização que tinha Paulo

Freire. Soares (2011, p. 119) enfatiza que ele criou muito mais que um método, mas sim ‘uma concepção de educação como prática da liberdade, educação como conscientização; *para o individuo tornar-se um ser desalienado.*’ (grifo nosso). Não há como negar que Paulo Freire revoltava-se contra os métodos didáticos das lições cuja frases nada tinham a ver com o cotidiano daquelas pessoas, e que simplesmente não passava de um mecanismo de codificação/decodificação, distanciando-os das reflexões sobre o mundo, e de uma educação libertadora. Sendo que com essas inquietações, ele cria um novo tipo de material que transformará o modelo de alfabetização vigente, para mudar os objetivos com que se alfabetizam, interligando às relações sociais.

Freire tinha ainda como propostas para cartilhas alfabetizadoras, a seleção de palavras que saíssem do universo vocabular dos alfabetizando, selecionando assim palavras que atendam a uma determinada sequência de aprendizagem das relações fonema-grafema, observando que não se trata de uma palavra qualquer, mas palavras de cunho social, político, cultural, e de suas vivências (SOARES, 2011).

Nesse sentido ele tratava a alfabetização brasileira como um processo mecânico, na qual se depositam, palavras sílabas e letras nos alfabetizando, que ao recebê-las entenderiam a alfabetização como uma espécie de mágica, assimilando como um processo positivo do saber. Sendo que no íntimo dessas práticas as palavras não condizem com a realidade do educando. O que na realidade ela não passa simplesmente de uma troca insignificante de palavras distantes, textos e frases sem conexões e sentido real do seu cotidiano, como é o caso de um título visto em um livro didático denominado ‘Hoje é domingo pede cachimbo. ’ (NEVES, 2011, p. 163). Alguns textos, ou títulos de textos totalmente sem fundamento como estes, causavam indignação a Paulo Freire, ao passo em que analisava livros didáticos enfatizava que:

Textos, de modo geral, ilustrados – casinhas simpáticas, acolhedoras, bem decoradas; casais risonhos, de faces delicadas, às vezes ou quase sempre brancos e louros; [...] que podem um trabalhador camponês ou um trabalhador urbano retirar de positivo para o seu quefazer no mundo, para compreender criticamente, a situação concreta de opressão [...] não pode jamais um tal trabalho constituir-se como instrumento auxiliar da transformação da realidade. (FREIRE, 2010, p.17).

Na verdade, é bem complexo para um aluno da EJA que já estar de certa forma em atraso em sua vida escolar, tirar proveito de textos obsoletos e contrários a sua realidade, é como se as fontes dadas para sua alfabetização atuassem de forma obnubilar, de nada servindo para o seu fazer diário. Desta forma a concepção freiriana de alfabetização não partiria de certa feita da mecanização repetitiva das sílabas, e nem tampouco de textos alheios a realidade

do educando, muito pelo contrário a alfabetização para ele tem de ter certo distanciamento das astutas manobras do poder, onde os alfabetizando busquem a significação profunda da linguagem e das palavras. E ele acrescenta ainda que:

mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizando necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida, o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos”. (FREIRE, 2010, p.19).

Portanto é possível analisarmos, que para as concepções freirianas no lugar de elegermos palavras e decompô-las nas etapas da análise, e compô-la na síntese outras palavras com sílabas encontradas; e em seguida com palavras criadas, redigir textos como esse anteriormente citado, a sua prática alfabetizadora era de forma que as palavras geradoras viriam simplesmente do cotidiano do próprio educando, e colocadas em situações-problemas, e para o desafio, exigir-se-iam respostas deles.

4 O REGGAE COMO INSTRUMENTO DE LEITURA NA PERSPECTIVA DE UM EJA CRÍTICO-SOCIAL

Em um livro cujo título endereça as práticas de alfabetização na educação de jovens e adultos, Rocha e Souza (2013), ao responderem qual o tipo de leitura um alfabetizando deve ler aponta entre outros; os seguintes: conto, histórias, notícia, músicas, receitas, manuais, gibis, etc.

O fato de colocarmos a palavra música em negrito, não nos leva a fazer dela algo mais especial que as outras formas de leituras, mas sim enfatiza-la, em um momento que iremos tratar de um ritmo cultural que ganhou o mundo com suas letras revolucionárias, essa cultura rítmica “senhores e senhoras”, chama-se *reggae*. Diz-se de um ritmo que sucedeu o calipso, e o blues americano, sendo o primeiro dono de letras satíricas, amoral e muitas vezes selvagem; já o segundo, embora mais suave, refletia sempre a consciência da classe opressora. A despeito desta posição o “*reggae*” trata de temas como o amor, esperança, ideais, justiça, novas coisas, e novas formas. Partindo desses princípios podemos afirmar que ele nasceu de ideários religiosos, com determinações políticas, pois a religião rastafári não se conformava com a exploração do mundo babilônico, (capitalista) e dessa forma, uniram-se na esperança da liberdade. Que nas afirmações de Albuquerque (1997, p.56)

com o inchamento de Kingston por causa da imigração cada vez maior de moradores do campo (onde o rastafarianismo havia se estabelecido em primeiro lugar), aquela fé se espalhou pelos guetos, onde foram para todos os pequenos sonhadores que acreditaram na independência (do país e na sua própria). O reggae nasceu chorando pelos rudes boys. E a “África” foi a primeira palavra que ele aprendeu a falar.

É inegável, portanto, que as letras deste ritmo tenham propostas desalienante, gritos de libertação, e protestos contra desigualdades sociais. Eis o propósito de inclui-lo como sugestão de textos para alfabetização de jovens e adultos, do bairro irapuã II da cidade de Floriano-PI, mais conhecido como Vereda. Pois partindo de algumas observações empíricas, e atividades de extensão acadêmicas, e tomando emprestadas teorias da tese de Meijer (2012) ao reportar a fala de uma das suas alunas sobre o referido bairro, e sua ligação com a cultura *reggae*, a acadêmica de forma espontânea relatou que esse ritmo chegou a Floriano há muito tempo, e que segundo fatos históricos, ele foi trazido por uma família de negros, que se juntavam e ensinavam um pouco sobre o ritmo.

A autora ainda acrescenta que, até hoje os moradores são chamados ‘negros do *reggae* da vereda.’ Ao passo que em outro trecho também da mesma tese, a autora questiona os envolvidos em sua pesquisa-ação: se a cultura negra florianense fosse um elemento da natureza, qual seria o *reggae*? Veio logo uma resposta envolvente, a qual explicitava que seria uma pedra! Pedra do *reggae*, pois se referindo as pessoas que gostam desse ritmo, é um gostar tão forte como uma pedra.

Partindo dessas visões e levando em consideração as fortes correntes de ideários entrelaçados nas letras do *reggae*, como elemento poderoso para as possíveis interpretações, de nossos alfabetizando e para eles entenderem as formas camufladas de como o poder se engendram em nosso cotidiano, e ainda recorrendo a Manley (2007, p.28) que ao relacionar a música *reggae*, e escritos intelectuais, aponta que:

Em sociedades com literaturas desenvolvidas, a pena é uma arma poderosa. Não é capaz de alterar as relações entre as classes nem sua estrutura, mas pode influenciar os indivíduos, que se tornam parte do processo político. A Jamaica produziu um punhado de bons escritores, [...] que abordam o sofrimento e a opressão, cujo trabalho ajudou a criar consciência sobre os imperativos da mudança. Porém, quantas pessoas chegaram a ler? Por outro lado, todos escutavam Marley e sua escola de protesto do reggae. Eu escutei e reforcei minha fé na luta por mudanças.

Ao refletirmos sobre essa visão de protesto político embrenhados nas letras desse tão forte e misterioso ritmo, é importante focarmos na prática como eles se estabelecem, o quanto

caminham em busca da sua própria identidade, e qual as diretrizes ele nos dar para que envolvendo os alfabetizando, em seu mundo, dele tirem suas conclusões de mudanças.

Optamos primeiramente por fazer uma análise da possível utilização da música babilônia brasileira da tribo de *Jah* (Deus na Jamaica), primeiro, porque o artigo aqui retrata os malefícios do poder, e a importância de desvela-la através da música, é o caso de babilônia, que como já falamos, para os jamaicanos tem o sentido do mundo ocidental bruta e capitalista. Segundo por se tratar de uma banda *made in* Jamaica brasileira (São Luis), que denuncia fortemente este sistema, é o que vamos discorrer a partir de agora na música babilônia brasileira.

Como pode um país continente? De extensas terras, incontáveis riquezas dominadas por uma elite tão inconsequente, saqueando o povo, semeando a incerteza. Empresários, políticos, corruptos, oportunistas constroem seus impérios manipulando a massa, Prepotentes senhores escravagistas, tão hábeis em suas trapagens. A lei do mais forte é sua segurança, tornando pessoas mais e mais oprimidas, Famílias inteiras sofridas, sem esperanças, carentes e subnutridas crianças. Brasil babilônio, terra da pouca vergonha. De que vale tamanha riqueza, terras boas, tão bela natureza. Se o povo não pode almejar, ao menor bem estar de ter o pão sobre a mesa. Babilônia brasileira, paraíso dos safados, regime do demônio, sugando a nação inteira, capitalismo selvagem, sistema babilônio, jamais irá suplantá-lo, o sistema e os desígnios de Jah. (FAUZI BEYDOUN, 1994).

Por conseguinte, podemos utilizar um *reggae* jamaicano, uma música que no mundo regueiro, como é denominado esse universo, chama a atenção dos amantes do ritmo, por ser um som de melodia sentimental, toca muito essas pessoas que é o caso da canção de *Ijahman* (*Are We a Warrior*) eleito na cidade de São Luis como o hino do *reggae* no Maranhão, ou hino da Jamaica, que segundo Rosa (2007, p. 45)

O sucesso musical (*We Are a Warrior*) exemplifica um dos caminhos a ser percorrido pela pedagogia inclusiva, ora prevendo que esse e outros enredos literários construídos pela cultura da diáspora sejam acessíveis como conteúdos educacionais que privilegiam a diversidade do conhecimento.

A referida música tem em sua tradução o título, “somos guerreiros”. Como forma de manifesto, e incentivo ao amor, e a desalienação.

1

O amor é a perfeição e eu dou graças pela agradável plenitude presente dentro de mim./São suaves e cheias de paz minhas noites, pela mansidão que me fez filho do homem. A vida foi dividida em doce harmonia fazendo uma mulher até sonhar./Nós somos guerreiros?/É nós somos guerreiros./Oh, cupido, estúpido, não atire a flecha de seu arco. Oh, amor./Fé é uma montanha tão silenciosa e cheia de fontes d'água para todas as adoráveis criaturas. Ele deu sabedoria e conhecimento para entender o amor após uma

guerra./Nós somos guerreiros? É nós somos guerreiros. É nós somos guerreiros./Oh cupido, Estúpido, não atire a flecha de seu arco, deixe-a baixa e nunca a lance./O que te fez ter uma pistola? Seu amor infinito acabou para você atirar no homem ali? Nós desistimos depois que a estrela nos iluminou? Por que nos tornamos como Cordeiros, para não olhar a extremidade? Isto não é submissão, não confunda, pois estamos numa guerra. Eles certamente querem o caminho às vezes mais confuso, para possuir nossa cabeça, como em outras épocas quando nos conduziram. sob seus pés./Nós somos guerreiros? É nós somos guerreiros. É nós somos guerreiros./Oh cupido, estúpido, não atire a flecha de seu arco, deixe-a baixa e nunca a lance./Examine e olhe determinados sonhos onde há frequentemente histórias verdadeiras. Seria toda a nossa própria glória, como frequentemente eu peço. Ainda que não vejamos nenhum amor, mas para o fim haverá abrigos cheios com clamor de mães e pais./Nós somos guerreiros? É nós somos guerreiros. É nós somos guerreiros./ Oh cupido, estúpido, não lance sua flecha de seu arco. A profecia é revelada agora. O filho do homem não examinará o coração que está desistindo, por que a vida o levará num súbito choque. O choro do povo se multiplica em toda parte, mas Jah dará uma resposta para o nosso grito/Nós somos guerreiros? É nós somos guerreiros. É nós somos guerreiros./Oh cupido, estúpido, não atire a flecha de seu arco e nunca a lance. (IAHMAN, apud, ROSA, 2007, p. 57)

Partindo de uma reflexão apurada dessa música, podemos observar a riqueza dessas letras para um trabalho de conscientização, para uma educação inclusiva. No entanto, incluir os alunos em uma educação de verdade, não seria só incluí-los na escola através da matrícula, mas sim colocá-los inclusos em atividades desalienantes, em leituras que as libertem, e que façam pensar na riqueza do conhecimento como qualidade para o acesso ao poder.

Outrossim, faz-se necessário colocarmos uma música que apresente um discurso que atinge as necessidades dos guetos, a realidade nua e crua das nossas famílias que é de onde parte as formações das turmas de educação de jovens e adultos. E que para elas sirva de reflexão para o seu processo político social, onde as principais palavras gerem um despertar para as lutas contra as mazelas políticas que assolam o nosso país. Vindo da periferia baiana, Edson Gomes é mais um dos brasileiros que nas décadas de 80-90 assume a identidade regueira. Entusiasmado com a religião *rasta* entoa canções de temas atuais como a violência brasileira, o amor, e protesto contra desastrosa política do Brasil.

Nasci no fim do mundo Vivo no fim do mundo
Aqui nesse fim de mundo Vivo como um condenado
Pois nada sobrou pra mim Quando as casas caem
Sinto-me triste demais Pois no meio dos escombros
Bem que eu poderia, eu poderia estar Minha família, os meus amigos
A minha família estava lá

Todo ano isso ocorre É sempre o mesmo corre-corre
 Todo ano a hipocrisia Faz parte dessa agonia
 Demagogos, oportunistas Vejam as vítimas
 De toda a inoperância Da brutal ganância.
 Quando a chuva cai É um sacrifício a mais
 A gente já não vive em paz E quando essa chuva cai
 Piora tudo aqui e a gente fica assim
 Pedindo clemência, correndo risco
 Tudo é perigo Correndo risco, a morte pulsa mais
 Queremos ajuda, mas não tem ajuda
 Não temos culpa de sermos tão pobres assim
 É calamidade pública Queremos ajuda!
 Moro no fim do mundo Vivo nesse fim de mundo
 Rastejo aqui no fim do mundo
 E sinto um desgosto profundo
 E muito mais Minha família, os meus amigos
 Agora estão soterrados, estavam lá
 Chuva, lá vem ela Chuva, lá vem ela e vem sem dó
 Lá vem, lá vem, lá vem, lá vem, lá vem...
 Moro no fim do mundo Vivo nesse fim de mundo
 Rastejo aqui no fim do mundo E sinto um desgosto profundo
 E muito mais Minha família, os meus amigos
 A minha família, estava lá Chuva, lá vem ela Chuva, lá vem ela e vem sem
 dó
 Lá vem, lá vem, lá vem, lá vem, lá vem. Chuva, lá vem ela
 Chuva, lá vem ela e vem sem dó Lá vem, lá vem, lá vem, lá vem, lá vem.
 (EDSON GOMES, 1994)

Não há como negar que as ideias desse artista, embora passe de algumas décadas, traga aos alfabetizadores fontes incentivadoras para despertar em seus alunos através da leitura, a realidade das famílias pobres do país, e as demagogias dos políticos sanguessugas. E com isso conduzir os mesmos a adquirirem o saber para as mudanças necessárias no quadro social brasileiro. Outro aspecto a ser analisado é que ao esticar ao seu aluno a leitura dessa música o educador poderá fazer com ele faça uma análise de que, de lá para cá só mudaram os poderosos, as mazelas são as mesmas. Podendo também depois de analisada, os educandos partirem para o processo de escrita com temas que envolvam outros problemas de calamidades do seu meio social, que é com certeza o que não falta nos locais onde se encontram as classes menos favorecidas.

5 A NÍVEL DE CONCLUSÃO

Analisando a teia inovadora de uma dinâmica alfabetizadora dos nossos jovens e adultos, é imprescindível uma conscientização e principalmente um maior envolvimento nessas modalidades de que talvez seja bem mais fácil e diferente dar aos nossos alfabetizando palavras, textos, que tenham foco com as suas realidades, e que deles saiam as palavras, para os seus questionamentos sociais, do que temas e texto bem distantes dos seus princípio de vida. e deixando claro que o ritmo por ser dançante em termos instrumental, não pode, e nem deve ser levado em conta somente a parte emocional, e corporal, é preciso analisá-la, e trazer para realidade do seu mundo.

Cabe aqui ressaltar que essa sugestão tem que ter iniciativas práticas do alfabetizador, pois é dele que parte o conhecimento do universo do seu educando, e é dele que se espera autenticidade, e dinamismo, pesquisas em torno daquele material do universo dos seus educando, como é o caso da tradução da anteriormente explicitada canção, que em português tem em seu título: nós somos guerreiros.

No entanto ao analisarmos as letras destas músicas acima citadas, e de muitas e muitas outras que denunciam, e nos chamam a uma reflexão social, seria buscar nelas um tema gerador, na concepção de alfabetização de Freire, que tem como principal ideologia ligá-lo ao cotidiano do alfabetizando, e ao interagir com o letramento, que denota uma arte de decodificar palavras e dela fazer uso para leitura, e a partir dessas leituras nelas refletir e fazer sua própria história, seria algo que traria prazer para os alfabetizando, pois acreditamos que a leitura do mundo regueiro, a qual eles vivem, é uma leitura psicologicamente emocional, pois os envolve apenas nas danças, nas tonalidades das diferentes vozes desse mundo rítmico, nas nuances que destacam as posturas de luta de um povo que em sua identidade, trazem ainda as dores mesmo que disfarçadas ou cínicas de uma opressão severa dos mecanismo do poder.

Portanto somos levados a acreditar, que os atores envolvidos no processo de alfabetização principalmente os de jovens e adultos, possam refletir sobre estas sugestões, pois não se pode dar a alguém que não conhece as formas de engrenagens perigosas do poder dominante, textos longínquos a sua real vivência. Pois com a insistência desses processos estaríamos recebendo os cegos, e ao mundo novamente cego eles retornariam.

Ao concluirmos essas argumentações podemos destacar que a inovação de um processo de alfabetizar letrando no âmbito de ensino a jovens e adultos, é dar-lhes o direito de abrir os olhos para o conhecimento, e quando se conhece, é porque se sabe, e sabendo pode decidir seu próprio destino, ou dele participar, porque saber é poder.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FAUZI, Beydoun. **Babilônia brasileira**. São Paulo: BMG Ariola, 1994.

FOUCAUT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos critica de sua visão ingênua: Compreensão de sua visão crítica. In: FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010. p. 15-48.

GERALDI, João Wanderley. Alfabetização e letramento: perguntas de um alfabetizando que lê. In: Edwiges Zaccur, (Org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?** Rio de Janeiro: Rovellet, 2011. p. 13-32

GOMES, Edson. **Calamidade pública**. Disponível em: < <http://letras.mus.br/edson-gomes>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

MANLEY, Michael. *Reggae* o impulso revolucionário. São Paulo: In: Marco Antônio Cardoso (Org.). **Bob Marley por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 23-29.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. Conto interativo VI: visita regueira. In: **Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses**. Fortaleza: UFC, 2012.

NEVES, Albanize, Aparecida Arêdes, **Língua Portuguesa 4º ano**. São Paulo: Escala Educacional, 2011. (Coleção Aprender e Criar)

ROCHA, Raquel. Sala de aula hipotética. In: ROCHA, Raquel. **Práticas de alfabetização na educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Cortez 2013. p. 21-42

ROSA, Maristane Sousa de. O *reggae* na “Jamaica brasileira” cidadania e política a partir das letras musicais. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiás, v. 8, n.15, p. 41-60, 2007.

SOARES, Magda. Letramento em verbete: o que é letramento? In: SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 13-25.

SOARES, Magda. Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método In: SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: contexto, 2011. p. 117-122.